

The cover features a central sword with a silver hilt and a wooden pommel, set against a dark, textured background. Three red, tattered banners are draped across the sword. The top banner contains the title, the middle one the author information, and the bottom one the contributors. A yellow callout bubble in the bottom right corner highlights a specific story included in the book. The overall aesthetic is dark and dramatic, consistent with the 'Game of Thrones' theme.

O PRÍNCIPE DE
WESTEROS
E OUTRAS HISTÓRIAS

ORGANIZADO POR
GEORGE R. R.
MARTIN
& GARDNER DOZOIS

CONTOS DE NEIL GAIMAN,
PATRICK ROTHEUSS, SCOTT LYNCH,
GILLIAN FLYNN E MUITOS OUTROS...

INCLUI CONTO DE
GEORGE
R. R. MARTIN
PASSADO NO MUNDO
DE A GUERRA DOS
TRONOS



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

SUMÁRIO

- Introdução: Todo mundo ama um canalha • 7
George R. R. Martin
- Como o Marquês recuperou seu casaco • 15
Neil Gaiman
- Proveniência • 49
David W. Ball
- Qual é a sua profissão? • 89
Gillian Flynn
- Um jeito melhor de morrer • 125
Paul Cornell
- Um ano e um dia na velha Theradane • 163
Scott Lynch
- A caravana para lugar nenhum • 215
Phyllis Eisenstein
- Galho envergado • 263
Joe R. Lansdale
- A árvore reluzente • 301
Patrick Rothfuss
- Em cartaz • 371
Connie Willis
- O príncipe de Westeros ou O irmão do rei • 423
George R. R. Martin

INTRODUÇÃO

TODO MUNDO
AMA UM CANALHA

GEORGE R. R. MARTIN

TODO MUNDO AMA UM CANALHA

... embora, às vezes, a gente sobreviva para se arrepender.

Desavergonhados, vigaristas e malandros. Vagabundos, ladrões, trapaceiros e crápulas. Meninos e meninas maus. Ludibriadores, sedutores, enganadores, burladores, impostores, fraudadores, falsários, mentirosos, malvados, charlatões... eles têm muitos nomes, aparecem em histórias de todos os tipos, em todo e qualquer gênero, em mitos e lendas... Ah, e também em todos os lugares na História. São filhos de Loki, irmãos do Coiote. Às vezes, são heróis. Outras, vilões. Mas costumam ficar num ponto intermediário, personagens numa zona cinzenta... e cinza tem sido minha cor favorita há tempos. É muito mais interessante que o preto ou o branco.

Acho que sempre tive uma queda por canalhas. Quando eu era criança, na década de 1950, às vezes parecia que metade do horário nobre da televisão era dedicado às *sitcoms* e a outra metade aos faroestes. Meu pai amava faroestes, então cresci vendo esses filmes, um desfile interminável de xerifes de queixo forte e delegados da fronteira, cada um mais heroico que o outro. O delegado Dillon era uma rocha, Wyatt Earp era valente, corajoso e ousado (era o que dizia a música tema); o Cavaleiro Solitário, Hopalong Cassidy, Gene Autry e Roy Rogers eram heroicos,

nobres, honrados, os exemplos mais perfeitos que qualquer um poderia querer ter... mas nenhum deles parecia real para mim. Meus heróis de faroeste favoritos eram três que rompiam com o padrão: o Paladino do Oeste, que se vestia de preto (como um vilão) quando estava na estrada e como um dândi afeminado quando estava em São Francisco, “na companhia” (claro) de uma bela mulher diferente a cada semana, e que prestava serviços por dinheiro (heróis não se importavam com dinheiro); e os irmãos Maverick (especialmente Bret), pilantras charmosos que preferiam trajes de apostadores com terno preto, gravata de laço e colete pomposo ao uniforme tradicional de delegado, distintivo e chapéu branco, e eram mais vistos em uma mesa de pôquer do que num tiroteio.

E, sabe, quando vistos hoje, *Maverick* e *Paladino do Oeste* continuam muito melhores que os faroestes mais tradicionais de seu tempo. É possível alegar que tinham roteiros melhores, atuações melhores e melhores diretores que a maioria dos faroestes da época, e talvez não seja mentira... mas acho que o fator “canalha” traz uma bela contribuição.

Porém não são só os fãs de antigos faroestes televisivos que apreciam um bom canalha. A verdade é que esse arquétipo de personagem permeia todos os meios e gêneros.

Clint Eastwood tornou-se uma estrela ao dar vida ao durão Rowdy Yates, ao implacável Dirty Harry e ao Estranho Sem Nome, todos canalhas. Se, em vez desses personagens, ele tivesse representado os bonzinhos Goody Yates, Billy Certinho e Estranho com Dois Nomes Perfeitamente Legítimos, ninguém se lembraria dele. É verdade que, quando eu estava na faculdade, conheci uma garota que preferia Ashley Wilkes, tão nobre e abnegado, ao canalha Rhett Butler, jogador e contrabandista... mas acho que ela é a única. Todas as outras mulheres que conheci escolheriam Rhett em vez de Ashley sem pensar duas vezes, e nem vamos comentar sobre Frank Kennedy e Charles Wilkes. Harrison Ford causa uma impressão bem canalha em todo papel que assume, mas, claro, tudo começou com Han Solo e Indiana Jones. Alguém aí prefere mesmo Luke Skywalker a Han Solo? Claro que Han entra no jogo apenas por dinheiro, deixando isso claro desde o início... o que deixa a coisa toda mais emocionante quando ele volta no fim de *Guerra nas estrelas* para enfiar aquele foguete no rabo de

Darth Vader. (Ah, e ele REALMENTE atira primeiro, não importa quantas versões corrigidas George Lucas faça daquele primeiro filme.) E Indy... Indy é a definição máxima do canalha. Sacar a arma para atirar naquele espadachim não foi justo... mas, olha, quem não ama o cara por essa cena?

Porém os canalhas não dão as cartas apenas na televisão e nos filmes. Olhe para os livros.

Pense na fantasia épica, por exemplo.

A fantasia geralmente é caracterizada como um gênero em que o bem absoluto combate o mal absoluto, e esse tipo de situação é mesmo abundante, especialmente nas mãos das legiões de imitadores de Tolkien com seus cansativos senhores sombrios, lacaios maléficos e heróis de queixo quadrado. Porém existe um subgênero mais antigo da fantasia que fervilha com canalhas, chamado de “espada e magia”. Conan da Ciméria às vezes é caracterizado como herói, mas não nos esqueçamos que ele também era ladrão, saqueador, pirata, mercenário e, em última análise, um usurpador que se instalou num trono roubado... e dormiu com todas as mulheres atraentes que encontrou pelo caminho. Fafhrd e o Rateiro Cinzento são ainda mais canalhas, apesar de não terem alcançado tanto sucesso. É improvável que algum deles termine sendo rei. E, então, temos Cugel, o Astuto, de Jack Vance, totalmente amoral (e delicioso), cujas maquinações nem sempre parecem produzir os resultados desejados, mas ainda assim...

A ficção histórica também tem sua parcela de patifes ousados, sorrateiros, suspeitos. Os Três Mosqueteiros certamente tinham suas qualidades malandras. (Não se pode desembainhar uma espada com ousadia sem elas.) Rhett Butler era tão canalha no romance quanto no filme. Michael Chabon nos deu dois novos e esplêndidos canalhas com Amram e Zelikman, as estrelas de sua novela histórica *Gentlemen of the Road*, e eu espero que possamos ver muitas aventuras dessa dupla. E, claro, há o imortal Harry Flashman de George MacDonald Fraser (para você, Sir Harry Paget Flashman, Cavaleiro da Cruz Vitória, Cavaleiro Comandante da Ordem de Bath e Cavaleiro Comandante da Ordem do Império Indiano, por favor), um personagem que parece emprestado de *Tom Brown's Schooldays*, o romance clássico de Thomas Hughes, famoso

nos internatos britânicos (uma espécie de Harry Potter sem quadribol, magia ou garotas). Se você ainda não leu os livros de MacDonald com o Flashman (pode pular o Hughes, a menos que curta os princípios morais vitorianos), ainda não viu um dos maiores canalhas da literatura. Essa experiência é realmente de causar inveja.

Faroeste? Caramba, o Velho Oeste inteiro fervilha de canalhas. O herói fora da lei é tão comum quanto o vilão fora da lei, se não for ainda mais comum. Billy the Kid? Jesse James e sua gangue? Doc Holliday, canalha e dentista *extraordinaire*? E, se pudermos voltar à televisão, mas desta vez para as TVs a cabo, também temos o fabuloso *Deadwood*, da HBO, cujo final foi muito lamentado, e o vilão que era sua estrela, Al Swearengen. Do jeito que foi interpretado por Ian McShane, Swearengen roubou completamente a cena do suposto herói, o xerife. Ora, canalhas costumam ser bons larápios. É uma das coisas que eles fazem de melhor.

E o que dizer do gênero romântico? Hum... O canalha quase sempre fica com a garota em um livro romântico. Hoje em dia, não é raro que a canalha seja a garota, o que pode ser ainda mais legal. É sempre bom ver as convenções de cabeça para baixo.

A ficção de mistério tem subgêneros inteiros com canalhas. Detetives particulares sempre têm esse aspecto; se fossem do tipo certinho, honesto, presos apenas aos fatos, seriam policiais. E não são.

Eu poderia dar muitos outros exemplos. A ficção literária, os romances góticos, paranormais, *chick lit*, horror, *cyberpunk*, *steampunk*, fantasia urbana, tragédias, comédias, eróticos, *thrillers*, *space opera*, *horse opera*, histórias esportivas, ficção militar, romances rurais... todo gênero e subgênero tem seus canalhas e, quase sempre, são os personagens mais celebrados e mais lembrados.

Infelizmente, nem todos esses gêneros estão representados nesta antologia... mas uma parte de mim desejou que estivessem. Talvez seja o canalha em mim, a parte que ama os tons de cinza, mas a verdade é que não respeito muito as barreiras dos gêneros. Atualmente, sou conhecido como um escritor de fantasia, mas esta não é uma antologia de fantasia... apesar de ter fantasia das boas nela. Meu coeditor, Gardner Dozois, editava uma revista de ficção científica algumas décadas atrás, mas também

esta não é uma antologia de ficção científica... embora traga algumas histórias do gênero tão boas como qualquer uma que figure nas revistas mensais.

Assim como *Warriors* e *Dangerous Women*, nossas antologias anteriores supragênero, esta, *O príncipe de Westeros e outras histórias*, foi pensada para cruzar todas as linhas do gênero. Nosso tema é universal, e Gardner e eu amamos boas histórias de todos os tipos, não importa em qual tempo, lugar ou gênero elas estejam. Então saímos por aí e convidamos autores bem conhecidos dos mundos da fantasia épica, de espada e magia, fantasia urbana, ficção científica, românticos, *mainstream*, do mistério (leve ou *hard boiled*), *thrillers*, históricos, faroeste, *noir*, horror... opções à vontade. Nem todos aceitaram, mas muitos toparam, e o resultado está aí, nas próximas páginas. Nossos colaboradores formam uma equipe de elite com autores premiados e best-sellers, representando uma dúzia de editoras e gêneros diferentes. Pedimos a cada um deles a mesma coisa — uma história sobre canalhas, cheia de boas reviravoltas, planos ousados e reveses. Não impusemos nenhum limite de gênero aos nossos escritores. Alguns deles escolheram escrever no gênero que conheciam melhor. Outros tentaram algo diferente.

Em minha introdução a *Warriors*, nossa primeira antologia supragênero, falei como foi crescer nos anos 1950, em Bayonne, Nova Jersey, uma cidade sem livrarias. Eu comprava todo meu material de leitura em bancas de jornal e nas “lojas de doces” de esquina, em expositores de arame. Aquelas edições econômicas nos expositores não eram separadas por gênero. Tudo era amontoado, um exemplar desse, dois exemplares daquele. Era possível encontrar *Os irmãos Karamazov* espremido entre um romance sobre enfermeiras e a última aventura de Mike Hammer, de Mickey Spillane. Dorothy Parker e Dorothy Sayers dividiam o espaço com Ralph Ellison e J. D. Salinger. Max Brand ficava ao lado de Barbara Cartland. A. E. van Vogt, P. G. Wodehouse e H. P. Lovecraft amontoavam-se com F. Scott Fitzgerald. Livro de mistério, faroestes, góticos, histórias de fantasma, clássicos da literatura inglesa, os últimos romances “literários” contemporâneos e, claro, ficção científica, fantasia e horror — era possível encontrar tudo isso naquele expositor de arame.

Eu gostava das coisas daquele jeito. E ainda gosto. Mas, nas décadas que vieram (décadas demais, temo eu), o setor editorial mudou, as cadeias de livrarias se multiplicaram e as barreiras de gênero se fortaleceram. Acho uma pena. Os livros deveriam ampliar nossa visão, nos levar a lugares onde nunca estivemos e mostrar coisas que nunca vimos, expandir nossos horizontes e nossa maneira de olhar o mundo. Limitar a leitura a um único gênero acaba com essa missão. Também nos limita, nos torna menores. Para mim, tanto no passado como agora, parece haver boas e más histórias, e essa era e ainda é a única distinção que realmente importa.

Acreditamos que reunimos aqui algumas boas histórias. Você encontrará canalhas de todos os tamanhos, formas e cores nestas páginas, com uma grande variedade de cenários, representando uma mescla considerável de diferentes gêneros e subgêneros. Mas você não saberá *quais* gêneros e subgêneros até ter lido essas histórias, pois Gardner e eu, na tradição do velho expositor de arame, misturamos tudo. Esperamos que algumas das histórias sejam de seus autores favoritos; outras são de autores de quem você nunca ouviu falar (ainda). Torcemos para que, quando você terminar *O príncipe de Westeros e outras histórias*, alguns desses desconhecidos possam se tornar favoritos.

Curta a leitura... mas tome muito cuidado. Alguns dos cavalheiros e encantadoras damas destas páginas não são tão confiáveis assim.

COMO O MARQUÊS
RECUPEROU SEU CASACO

NEIL GAIMAN

Tradução de Eric Novello

Um dos maiores nomes da literatura fantástica atual, Neil Gaiman ganhou quatro prêmios Hugo, dois Nebula, um World Fantasy, seis Locus, quatro Stoker, três Geffens, dois Mythopoeic Fantasy, e uma Medalha Newbery.

Gaiman conquistou o público pela primeira vez como criador de *Sandman*, uma das mais aclamadas séries de *graphic novels* de todos os tempos. Gaiman ainda é uma estrela no campo dos quadrinhos. Suas HQs incluem *Breakthrough*, *Death Talks About Life*, *Legend of the Green Flame*, *The Last Temptation*, *Only the End of the World Again*, *MirrorMask* e uma grande quantidade de livros em colaboração com Dave McKean, incluindo *Orquídea negra*, *Violent Cases*, *Signal to Noise*, *Mr. Punch*, *Os lobos dentro das paredes* e *O dia em que troquei o meu pai por dois peixinhos dourados*.

Nos últimos anos, desfrutou de sucesso equivalente nos campos da ficção científica e da fantasia, com o romance best-seller *Deuses americanos*, vencedor dos prêmios Hugo, Nebula e Bram Stoker em 2002; com *Coraline*, vencedor do Hugo e do Nebula em 2003; e com *Um estudo em esmeralda*, vencedor do Hugo em 2004. Seu romance *O livro do cemitério* venceu o Hugo, a Medalha Newbery e a Medalha Carnegie em 2009.

Ele também recebeu o prêmio World Fantasy por sua história com Charles Vess, *Sonho de uma noite de verão*, e o prêmio International Horror Guild com sua coletânea *Angels & Visitations: A Miscellany*. Outros romances de Gaiman incluem *Belas maldições* (escrito com Terry Pratchett), *Lugar nenhum*, *Stardurt: O mistério da estrela* e *Filhos de anansi*. Além de *Angels & Visitations*, seus contos foram reunidos em *Sombra e espelhos: Contos e ilusões*, *Adventures in the Dream Trade* e *Coisas frágeis*. Um filme baseado em seu romance *Stardurt: O mistério da estrela* foi lançado em 2007, e uma animação baseada em *Coraline* estreou em 2009.

Seus trabalhos mais recentes incluem um livro de imagens com Adam Rex, *Chu's Day*, seu primeiro romance para adultos em muitos anos, *O oceano no fim do caminho*, uma brincadeira de viagem no tempo para todas as idades, e, como editor, a antologia *Unnatural Creatures*.

A seguir, ele nos conduz às profundezas do mundo surreal da Londres de Baixo, o cenário de seu famoso romance *Lugar nenhum*, para uma aventura que demonstra que às vezes a roupa faz o homem — literalmente.

COMO O MARQUÊS RECUPEROU SEU CASACO

Ele era lindo. Era extraordinário. Era único. Ele era a razão de o Marquês de Carabas estar acorrentado a um mastro no meio de uma sala circular, nas profundezas do subsolo, enquanto o nível da água subia cada vez mais, devagarzinho. Ele tinha trinta bolsos, sete dos quais eram óbvios, dezenove escondidos e quatro mais ou menos impossíveis de encontrar — até mesmo, em algumas ocasiões, para o próprio Marquês.

Ele tinha sido presenteado (voltaremos mais adiante ao poste, à sala e à água subindo), — embora “presenteado” possa ser considerado um exagero infeliz, mesmo que justificado — com uma lente de aumento pela própria Victoria. Era um artefato maravilhoso: ornamentado, dourado, com uma corrente e minúsculos querubins e gárgulas, e a lente tinha a propriedade incomum de tornar transparente qualquer coisa que você olhasse através dela. O Marquês não sabia onde Victoria a tinha obtido, antes de lhe furtar a lupa para compensar um pagamento que, em sua opinião, não era exatamente o que havia sido acordado. Afinal, só havia um Elefante, e obter o seu diário não tinha sido fácil, assim como não fora fácil escapar do Elefante e do Castelo depois de tê-lo obtido. O Marquês tinha guardado

a lupa de Victoria em um dos quatro bolsos que quase não estavam lá e nunca mais conseguira encontrá-la.

Além de seus bolsos incomuns, ele possuía mangas magníficas, uma gola imponente e uma fenda nas costas. Era feito de algum tipo de couro, tinha a cor de uma rua molhada à meia-noite e, mais importante do que qualquer uma dessas coisas, ele tinha estilo.

Há quem diga que a roupa faz o homem, mas essas pessoas estão erradas na maioria das vezes. Entretanto, seria verdade dizer que, quando o garoto que se tornaria o Marquês colocou esse casaco pela primeira vez e olhou-se no espelho, ele se levantou mais ereto e sua postura mudou porque sabia, vendo seu reflexo, que o tipo de pessoa que vestia um casaco como aquele não era um mero rapaz, não era um simples ladrão furtivo e negociador de favores. O menino vestindo o casaco, na época grande demais para ele, sorriu olhando seu reflexo no espelho e lembrou-se de uma ilustração de um livro que tinha visto, do gato de um moleiro de pé sobre as duas patas traseiras. Um gato garboso vestindo um casaco fino e botas grandes e altivas. E ele se deu um nome.

Um casaco assim, ele sabia, era o tipo de casaco que só poderia ser usado pelo Marquês de Carabas. Nunca teve certeza, nem naquela época nem depois, de como pronunciar Marquês de Carabas. Alguns dias ele pronunciava o nome de um jeito, alguns dias de outro.

O nível da água havia chegado aos seus joelhos, e ele pensou: *Isto nunca teria acontecido se eu ainda tivesse meu casaco.*

Era o dia do mercado após a pior semana da vida do Marquês de Carabas e não parecia que as coisas iriam melhorar. Por outro lado, não estava mais morto, e o corte em sua garganta sarava rapidamente. Havia inclusive uma rouquidão em sua garganta que ele achou bastante atraente. Esses eram, sem dúvida, pontos positivos.

Com certeza também havia desvantagens em se estar morto, ou, pelo menos, de ter sido morto há pouco tempo, e perder o casaco era a pior delas.

A Tribo do Esgoto não ajudou.

— Você vendeu meu cadáver — disse o Marquês. — Essas coisas

acontecem. Você também vendeu minhas posses. Eu as quero de volta. Pagarei por elas.

Dunnikin, da Tribo do Esgoto, deu de ombros.

— Eu as vendi — disse ele. — Assim como vendemos você. Você não pode pegar de volta o que vendeu. Não é um bom negócio.

— Estamos falando — retrucou o Marquês de Carabas — do meu casaco. E pretendo recuperá-lo de qualquer jeito.

Dunnikin voltou a dar de ombros.

— Para quem você o vendeu? — perguntou o Marquês.

O morador do esgoto não respondeu. Agiu como se nem tivesse escutado a pergunta.

— Posso conseguir perfumes para você — ofereceu o Marquês, disfarçando sua irritação com toda a brandura que conseguiu. — Perfumes gloriosos, magníficos, odoríferos. Sabe que os quer.

Dunnikin encarou o Marquês, a expressão impassível. Então passou os dedos pela garganta. Em termos de gestos, o Marquês refletiu, aquele tinha sido de um terrível mau gosto. Ainda assim, teve o efeito desejado. Ele parou de fazer perguntas: não teria respostas dali.

O Marquês caminhou até a praça de alimentação. Naquela noite, a Galeria Tate sediava o Mercado Flutuante. A praça de alimentação fora instalada na Sala Pré-Rafaelita e já tinha sido praticamente toda desmontada. Quase não havia tendas abertas: apenas um homenzinho de aparência triste vendendo algum tipo de linguiça e, na esquina, embaixo de uma pintura de Burne-Jones com donzelas em robes translúcidos descendo uma escada, havia alguns representantes do Povo Cogumelo, com alguns bancos, mesas e uma churrasqueira. O Marquês já havia comido uma das linguiças do homem tristonho, e tinha uma política inflexível de nunca cometer de propósito o mesmo erro duas vezes, então caminhou até a tenda do Povo Cogumelo.

Havia três pessoas Cogumelo cuidando da tenda, dois rapazes e uma moça. Eles cheiravam a umidade. Vestiam casacos velhos *duffel* e jaquetas militares, e espiavam por debaixo de seus cabelos desgrenhados como se a luz machucasse seus olhos.

— O que vocês estão vendendo? — perguntou ele.

— Cogumelo. Cogumelo na torrada. Cogumelo cru.

— Quero cogumelo na torrada — disse ele, e um deles, a jovem magra e pálida com cara de mingau velho, cortou uma fatia de cogumelo bola do tamanho do cepo de uma árvore. — E eu quero cozido direito, por completo — acrescentou.

— Tenha coragem. Coma-o cru — disse a moça. — Junte-se a nós.

— Já tive meus contatos imediatos com o cogumelo — disse o Marquês. — Nós chegamos a um entendimento.

A mulher colocou a fatia de cogumelo bola sobre a churrasqueira portátil.

Um dos jovens, alto, de ombros arqueados, vestindo seu casaco *duffel* que cheirava a porões antigos, se debruçou sobre o Marquês e encheu seu copo com chá de cogumelo. Ele se inclinou para a frente e o Marquês pôde ver a pequena plantação de cogumelos pálidos se projetando como espinhas de sua bochecha.

— Você é o de Carabas? O quebra-galho?

O Marquês não pensava em si mesmo como um quebra-galho. Mas respondeu:

— Sou.

— Ouvi dizer que está procurando o seu casaco. Eu estava lá quando a Tribo do Esgoto o vendeu. Foi no início do último mercado, foi sim. Em Belfast. Eu vi quem o comprou.

O cabelo na nuca do Marquês se arrepiou.

— E o que quer pela informação?

O rapaz Cogumelo lambeu os lábios com uma língua liquenoide.

— Tem uma garota de quem eu gosto que não fala comigo nem para dizer as horas.

— Uma garota Cogumelo?

— Quem dera eu fosse tão sortudo. Se estivéssemos unidos no amor e no corpo do cogumelo, eu não teria com que me preocupar. Não. Ela faz parte da Corte dos Corvos. Mas come aqui de vez em quando. E nós conversamos. Do mesmo jeito que você e eu estamos conversando agora.

O Marquês não sorriu de pena nem fez uma careta. Ele mal ergueu uma sobrancelha. — E ainda assim ela não retribuiu seu ardor. Que estranho. O que quer que eu faça a respeito?

O jovem enfiou a mão cinza no bolso de seu longo casaco *duffel*. Puxou um envelope dentro de um saco plástico transparente de sanduíche.

— Escrevi uma carta para ela. Está mais para um poema, pode-se dizer, embora eu não seja exatamente um poeta. Para contar como me sinto em relação a ela. Mas não sei se ela leria se eu entregasse. Então vi você e pensei que, se fosse você a entregá-la, com todas as suas palavras finas e seus floreios extravagantes... — Ele parou.

— Pensou que ela leria e ficaria mais inclinada a ouvir seu terno pedido.

O jovem olhou para baixo, para seu casaco *duffel*, com uma expressão intrigada.

— Eu não tenho um terno — disse ele. — Só isto que estou vestindo agora.

O Marquês tentou não suspirar. A moça Cogumelo colocou um prato de plástico rachado na frente dele, com uma fatia fumegante de cogumelo grelhado.

Ele cutucou o cogumelo com cuidado, certificando-se de que estava totalmente cozido e de que não havia esporos ativos. O seguro morreu de velho, e o Marquês gostava demais de si mesmo para pensar em uma simbiose.

Estava saboroso. Ele mastigou e engoliu, apesar de a comida machucar sua garganta.

— Então, tudo que quer que eu faça é garantir que ela leia a sua declaração de desejo?

— Quer dizer, minha carta? Meu poema?

— Isso.

— Bem, sim. E quero que esteja com ela, para garantir que não a jogue fora sem ler, e quero que traga a resposta dela para mim. — O Marquês olhou para o jovem. Podia ver que ele tinha pequenos cogumelos brotando do pescoço e das bochechas, seu cabelo era pesado e sujo e havia nele um

leve cheiro de lugares abandonados, mas também era verdade que atrás da franja espessa seus olhos eram de um azul claro e intenso, e ele era alto e quase atraente. O Marquês o imaginou banhado e limpo e, de alguma forma, menos fúngico, e aprovou. — Coloquei a carta na embalagem de sanduíche para ela não ficar úmida no caminho.

— Muito sábio. Agora, diga-me: quem comprou meu casaco?

— Ainda não, apressadinho. Você não me perguntou sobre meu verdadeiro amor. O nome dela é Drusilla. Você a reconhecerá porque ela é a mulher mais bonita de toda a Corte dos Corvos.

— A beleza está tradicionalmente nos olhos de quem a vê. Precisarei de mais informações.

— Já disse. O nome dela é Drusilla. Só existe uma. E ela tem uma marca de nascença grande e vermelha no dorso da mão que parece uma estrela.

— Parece um par romântico improvável. Um dos garotos Cogumelo apaixonado por uma dama da Corte dos Corvos. O que o faz pensar que ela abrirá mão da vida dela por seus porões úmidos e suas diversões fungoides?

O jovem deu de ombros.

— Ela me amará — disse — depois de ler o meu poema.

Ele torceu a haste de um pequeno cogumelo guarda-chuva crescendo em sua bochecha direita e, quando caiu na mesa, ele o pegou e continuou a torcê-lo entre os dedos.

— Estamos de acordo?

— De acordo.

— O sujeito que comprou seu casaco carregava um cajado — disse o jovem Cogumelo.

— Um monte de gente carrega cajados — disse o Marquês.

— Esse era curvo na parte de cima — disse o jovem Cogumelo. — Ele parecia um pouco com um sapo. Baixinho. Bem gordo. Cabelo da cor de cascalho. Precisava de um casaco e gostou do seu.

Ele enfiou o cogumelo guarda-chuva na boca.

— Informação útil. Com certeza transmitirei seu ardor e suas felicitações à bela Drusilla — disse o Marquês de Carabas com um otimismo que definitivamente não sentia.

De Carabas se esticou sobre a mesa, pegou das mãos do jovem o saco de sanduíche com o envelope e colocou-o em um dos bolsos costurados dentro de sua camisa.

E então foi embora, pensando em um homem segurando um cajado.

O Marquês de Carabas usava uma manta para substituir seu casaco. Ele a vestia enrolada como se fosse um poncho vindo do próprio Inferno. Aquilo não o fazia feliz. Ele desejava que fosse seu casaco. Penas bonitas não fazem pássaros bonitos, sussurrou uma voz no fundo de sua mente, algo que alguém tinha dito a ele quando menino: suspeitava que fosse a voz do irmão e fez o possível para esquecer que algum dia a tivesse ouvido.

Um cajado: o homem que havia pegado seu casaco com a Tribo do Esgoto carregava um cajado.

Ele ponderou.

O Marquês de Carabas gostava de ser quem era e, quando assumia riscos, gostava que fossem riscos calculados, além de ser do tipo que conferia esses cálculos duas e depois três vezes.

Ele verificou seus cálculos pela quarta vez.

O Marquês de Carabas não confiava nas pessoas. Era ruim para os negócios e podia abrir um precedente infeliz. Não confiava em seus amigos nem em amantes ocasionais, e não confiava em seus empregadores de jeito nenhum. Ele confiava exclusivamente no Marquês de Carabas, uma figura imponente em um casaco imponente, capaz de superar a todos no discurso, no pensamento e no planejamento.

Havia apenas duas classes de pessoas que carregavam cajados: bispos e pastores.

No Portão dos Bispos, os cajados eram decorativos, sem função, puramente simbólicos. E os bispos não precisavam de casacos. Afinal, tinham túnicas; túnicas legais, brancas e no estilo deles.

O Marquês não tinha medo dos bispos. Sabia que a Tribo do Esgoto não tinha medo dos bispos. Os habitantes do Arbusto do Pastor, porém, eram outra história. Mesmo vestindo seu casaco e em seu melhor momento, no auge de sua saúde e com um pequeno exército sob seu comando, o Marquês não gostaria de enfrentar os pastores.

Refletiu sobre a possibilidade de visitar o Portão dos Bispos e de gastar alguns dias agradáveis garantindo que seu casaco não se encontrava lá.

Então suspirou de maneira dramática e foi para a Baía dos Guias, à procura de um guia vinculado que pudesse ser persuadido a levá-lo ao Arbusto do Pastor.

Sua guia era bastante baixinha, com o cabelo louro curto. De início, o Marquês pensou que ela fosse adolescente, até viajar com ela metade de um dia e então decidir que já tinha seus vinte e poucos anos. Havia falado com meia dúzia de guias antes de encontrá-la. O nome dela era Knibbs e tinha parecido confiante, e ele precisava de confiança. Ele lhe disse os dois lugares aonde estava indo e partiram da Baía dos Guias.

— Então, para onde quer ir primeiro? — perguntou ela. — Ao Arbusto do Pastor ou à Corte dos Corvos?

— A visita à Corte dos Corvos é uma formalidade, só para entregar uma carta. Para alguém chamada Drusilla.

— Uma carta de amor?

— Acredito que sim. Por que quer saber?

— Ouvi dizer que a bela Drusilla é perversamente bonita e tem o péssimo hábito de transformar aqueles que a desagradam em aves de rapina. Você deve amá-la muito para estar lhe escrevendo cartas.

— Lamento, mas nunca encontrei essa jovem — disse o Marquês. — A carta não é minha. E não importa qual visitaremos primeiro.

— Sabe... — disse Knibbs, pensativa. — Considerando a possibilidade de algo terrivelmente infeliz acontecer a você quando encontrar os pastores, devíamos passar primeiro na Corte dos Corvos. Assim a bela Drusilla receberá a carta dela. Veja bem, não estou dizendo que algo terrível acontecerá a você. Mas o seguro morreu de velho.

O Marquês de Carabas olhou para baixo, para sua silhueta coberta. Estava indeciso. Sabia que, se estivesse vestindo seu casaco, não estaria indeciso: saberia exatamente o que fazer. Olhou para a garota e evocou o sorriso mais convincente possível.

— Então vamos para a Corte dos Corvos — disse.

Knibbs assentiu e se pôs a caminho, e o Marquês a seguiu.

As trilhas da Londres de Baixo não eram os caminhos da Londres de Cima; eles dependiam em grande parte de coisas como crença, opinião e tradição, tanto quanto das realidades dos mapas.

De Carabas e Knibbs eram duas pequenas silhuetas caminhando por um túnel alto e abobadado esculpido em pedra branca e antiga. Seus passos ecoavam.

— Você é o de Carabas, não é? — perguntou Knibbs. — Você é famoso. Sabe como chegar aos lugares. Para que exatamente precisa de uma guia?

— Duas cabeças são melhores do que uma — respondeu ele. — E também dois pares de olhos.

— Você costumava usar um casaco elegante, não? — disse ela.

— Costumava, sim.

— O que aconteceu com ele?

Ele não respondeu. Então falou:

— Mudei de ideia. Vamos ao Arbusto do Pastor primeiro.

— É justo — disse sua guia. — É fácil levá-lo tanto a um lugar quanto a outro. Esperarei por você no posto comercial dos arbustos, do lado de fora, se não se importar.

— Menina esperta.

— Meu nome é Knibbs — retrucou ela. — E não menina. Quer saber por que me tornei uma guia? É uma história interessante.

— Não muito — disse o Marquês de Carabas. Ele não estava se sentindo exatamente no clima para conversar, e a guia estava sendo bem recompensada pelo seu esforço. — Por que não tentamos nos mover em silêncio?

Knibbs assentiu e não disse nada até chegarem ao fim do túnel, permanecendo em silêncio enquanto desciam alguns degraus metálicos presos na lateral de um muro. Só quando alcançaram as margens do Mortlake, o vasto Lago dos Mortos subterrâneo, e depois de acender uma vela na beira para chamar um barqueiro, ela falou novamente.

— O importante para ser um guia de verdade é estar vinculado. Então as pessoas sabem que não irá orientá-las da maneira errada — explicou Knibbs.

O Marquês apenas grunhiu. Estava pensando no que dizer aos pastores no posto comercial, tentando rotas alternativas por entre possibilidades e probabilidades. Ele não tinha nada que os pastores pudessem querer, esse era o problema.

— Se você os conduz da maneira errada, nunca mais trabalha como guia — continuou Knibbs alegremente. — Por isso somos vinculados.

— Eu sei — disse o Marquês. Ela era uma guia das mais irritantes, pensou. Duas cabeças só são melhores do que uma se a outra cabeça mantiver a boca fechada e não começar a lhe contar coisas que ele já sabia.

— Eu fui vinculada na Rua dos Vínculos.

Ela bateu na pequena corrente em torno de seu pulso.

— Não vejo o barqueiro — disse o Marquês.

— Ele já deve estar chegando. Olhe naquela direção e grite quando o vir. Continuarei a procurar por ali. De um jeito ou de outro, nós o encontraremos.

Eles fitaram as águas negras do Tyburn.

— Antes de ser uma guia, quando era pequena, meu povo me treinou para isso — Knibbs retomou sua história. — Eles disseram que era a única forma de satisfazer a honra.

O Marquês se virou para olhá-la. Ela segurava a vela na altura de seus olhos. “Tudo está fora do lugar aqui”, pensou o Marquês, e percebeu que deveria estar prestando atenção nela desde o começo. “Tudo está errado.”

— Quem é o seu povo, Knibbs? De onde você é?

— De um lugar onde você não é mais bem-vindo — respondeu a garota. — Nasci e fui criada para dar a minha fidelidade e lealdade ao Elefante e ao Castelo.

Algo duro o atingiu na nuca, acertou-o como um golpe de martelo, e relâmpagos pulsaram na escuridão de sua mente enquanto ele caía no chão.

* * *

O Marquês de Carabas não conseguia mover os braços. Eles estavam, percebeu, presos atrás dele. Estava deitado de lado.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br